

A ORIGEM DAS DESIGUALDADES SOCIAIS SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Paulo Sérgio Cruz Barbosa*

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Rodrigues da Costa

Resumo: O artigo objetiva fazer uma leitura da origem das desigualdades sociais a partir da obra *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Aqui o filósofo descreve os momentos fortes que caracterizaram a passagem do estado de natureza ao estado civil do homem. Segundo Rousseau, alguns fatores da natureza humana e dos fenômenos naturais contribuíram para a evolução e o progresso. A partir destes, o que se torna relevante no desenvolvimento das desigualdades é o surgimento da propriedade privada e da sociedade civil.

Palavras-chave: Desigualdade, Homem, Progresso, Propriedade, Rousseau.

The origin of social inequalities by Jean-Jacques Rousseau

Abstract: This article aims to make a reading of the origin of social inequality from the work *Discourse on the origin and foundations of inequality among men* of Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Here the philosopher describes the highlights that marked the passage of the state of nature to man's marital status. According to Rousseau, some factors of human nature and natural phenomena contributed to the evolution and progress. From this, which becomes relevant in the development of inequalities is the emergence of private property and civil society.

Keywords: Inequality, Man, Progress, Property, Rousseau.

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Bolsista CAPES.

INTRODUÇÃO

Em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* Rousseau tenta explicar a origem e a evolução das desigualdades. Antes, faz uma análise hipotética do homem no estado de natureza. Isso é importante para o filósofo poder fundamentar sua teoria da ingenuidade natural e relacioná-la ao processo de corrupção do homem.

Rousseau supõe o estado de natureza como aquele momento mais propício à liberdade, à igualdade e à realização do homem, pois, neste estado, o homem primitivo vivia isolado, solitário e independente. A liberdade natural pode ser pensada a partir de duas óticas: a independência e a capacidade de escolha. A primeira é a liberdade que o homem tem de tudo fazer em um estado anárquico. A segunda se manifesta no caráter metafísico do homem na hora de escolher realizar uma determinada ação. A liberdade natural é um grande presente dado pela própria natureza.

No estado de natureza, o homem tinha uma vida boa, pois suas paixões eram basicamente as necessidades de comer, de repousar e de fazer sexo. Todas essas necessidades eram facilmente satisfeitas. Diferente do homem civil, o homem natural vivia isento de grandes preocupações, por isso tinha uma vida pacífica e feliz. Porém, a capacidade de aperfeiçoar-se (perfectibilidade) permitiu-lhe evoluir. Entretanto essa evolução foi negativa, pois ele perdeu a sua ingenuidade natural, construiu o progresso e as desigualdades sociais.

I A ORIGEM DAS DESIGUALDADES

Na segunda parte do segundo *Discurso* Rousseau narra, inclusive de forma descritiva, o surgimento do progresso e com este o nascimento da sociedade civil e das desigualdades sociais. Segundo o filósofo, os momentos que caracterizaram o surgimento do progresso e das desigualdades aconteceram de forma muito lenta. Alguns sentimentos naturais como a *piedade* e o *amor de si* despertaram no homem algumas paixões, dentre elas, merecem destaque o amor pela vida e, conseqüentemente, o instinto de conservação da espécie. Isso aconteceu à medida que o homem tomou consciência de si e percebeu a sua existência. Para Rousseau, estes são basicamente os

primeiros tipos de sentimentos: “O primeiro sentimento do homem foi o de sua existência, sua primeira preocupação, a de sua conservação. As produções de terra forneciam-lhe todos os socorros necessários, o instinto levou-o a utilizar-se deles.”¹

Uma das faculdades naturais mais importantes do homem primitivo é o dom da perfectibilidade. Para Cassirer, “(...) é da perfectibilidade que brota toda inteligência do homem, mas também todos os seus erros; que brotam as suas virtudes, mas também os seus vícios”.² A perfectibilidade é a capacidade que o homem tem de se aperfeiçoar, ou seja, de evoluir. Ela é um fator importante no processo de evolução e construção do progresso, por isso ela também contribuiu para o surgimento das desigualdades.

Segundo Rousseau, a natureza era a moradia mais perfeita do homem primitivo, pois nela ele encontrava todos os subsídios necessários para a sobrevivência. Entretanto o filósofo não nega a existência de algumas dificuldades na vida natural. As secas, as enchentes, as brigas com os animais ferozes são exemplos de algumas dessas dificuldades. Elas obrigaram o homem a transcender a sua realidade. Com elas, ele adquiriu o poder de aguçar a mente e modelar o corpo deixando-o mais forte e resistente diante da sobrevivência natural.

Mas logo surgiram dificuldades e impôs-se a aprender a vencê-las; a altura das árvores, que o impedia de alcançar os frutos, a concorrência dos animais que procuravam nutrir-se deles, a ferocidade daqueles que lhe ameaçavam a própria vida, tudo obrigou a entregar-se aos exercícios do corpo; foi preciso tornar-se ágil, rápido na carreira, vigoroso no combate.³

As dificuldades encontradas na dinâmica da vida natural exigiram do homem um esforço do seu corpo e da sua mente, por isso ele aprendeu a lidar com armas naturais feitas de galhos de árvores e pedras para poder se defender das feras. De acordo com o crescimento do gênero humano fez-se necessário que o homem modificasse o seu modo de vida. Ele criou uma nova indústria. As primeiras criações foram instrumentos que serviram de auxílio na caça (arco e a flecha) e na pesca (linha e o anzol).

Com o passar do tempo, os seres humanos foram se multiplicando e o homem foi se adaptando às condições impostas pela natureza, e assim criou vários meios para se proteger. Com a evolução surgiram outras criações como o fogo e a cabana. Segundo Rousseau, as mudanças climáticas também contribuíram para aperfeiçoar o comportamento do homem. Com o frio ele precisou inventar roupas de pele de animais.

¹ Rousseau, J. J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 260.

² Cassirer, E. *A questão Jean-Jacques Rousseau*, p. 101.

³ Rousseau, J. J. *Op. Cit.*, p. 260.

Um trovão ou um vulcão fez com que ele conhecesse o fogo. Tudo isso aconteceu paulatinamente no percurso da humanidade.

À medida que aumentou o gênero humano, os trabalhos se multiplicaram com os homens. A diferença das terras, dos climas, das estações pôde forçá-los a incluí-la na sua própria maneira de viver. Anos estéreis invernos longos e rudes, verões escaldantes, que tudo consomem, exigiram deles uma nova indústria. À margem do mar e do rio, inventaram a linha e o anzol, e se tornaram pescadores e ictiófagos. Nas florestas, construíram arcos e flechas, e se tornaram caçadores e guerreiros. Nas regiões frias cobriram-se com as peles dos animais que tinham matado. O trovão, um vulcão ou qualquer acaso feliz fez com que conhecessem o fogo, novo recurso contra os rigores do inverno; aprenderam a conservar esse elemento, depois a reproduzi-lo e, por fim, preparar as carnes que antes devoravam cruas.⁴

De acordo com adaptação do homem às suas criações, desde as mais simples (arco e flecha) até as mais complexas (fogo e cabana) surgiram novas formas de viver. Logo o homem percebeu que era diferente. A partir desse momento, já existiam aspectos de desigualdades bastante visíveis, pois cada condição de progresso era condição de desigualdade.

A nova indústria exigiu perfeição nos inventos, e as novas descobertas vão gerando outras, os trabalhos tornaram-se mais modernos, e tudo isso foi modificando cada vez mais o gênero humano.

Com a evolução, os anseios vão ficando comuns. O homem já não é mais aquele solitário vagando pelas florestas. Sua indústria o fez despertar para perceber a existência de si mesmo e do seu semelhante. As atividades comuns vão aproximando o homem do homem. Logo surgem os pequenos grupos e com eles a necessidade de conviver. Assim nasce o homem social. Segundo Starobinski, “ (...) o eu do homem social não se reconhece mais em si mesmo, mas se busca no exterior, entre as coisas; seus meios se tornam seu fim.”⁵

O homem já não é mais o mesmo. De isolado e independente passa a ser social e dependente. Os primeiros tipos de sociedades são formados e com eles há o surgimento das primeiras famílias. Para Derathé, “(...) a família, segundo Rousseau, não é um estabelecimento humano instituído por meio de um pacto, mas é uma sociedade natural.”⁶, por isso é considerada a primeira das sociedades. Esse período que Rousseau chama de “sociedade nascente” ou “idade de ouro” era aquele tempo em que o homem ainda vivia de forma parecida com a ingenuidade do estado puro de natureza. Segundo o

⁴ Ibidem, p. 260.

⁵ Starobinski, J. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 39.

⁶ Derathé, R. *Rousseau e a ciência política de seu tempo*, p. 281.

filósofo esse tempo era também a verdadeira “juventude do mundo”. Mas no momento em que o homem deixa escapar essa ingenuidade constrói as desigualdades.

Com a convivência nascem as diferenças. O homem passa a depender do seu semelhante. O convívio familiar gera a comodidade e sentimentos que, até então eram inexistentes, passam a fazer parte da rotina sedentária do homem civil. Com outras palavras, a convivência mais próxima faz nascerem vários sentimentos próprios da vida em sociedade. Da comodidade nasce a preguiça, com a vaidade nasce o orgulho, da inveja nasce a ganância e com todos esses males a estima pública passa a ter um preço.

Cada um começou a olhar os outros e a desejar ser ele próprio olhado, passando assim a estima pública a ter um preço. Aquele que cantava e dançava melhor, o mais belo, o mais forte, o mais astuto ou mais considerado, e foi assim o primeiro passo tanto para a desigualdade quanto para o vício; dessas primeiras preferências nasceram, de um lado, a vaidade e desprezo, e, de outro lado, a vergonha e a inveja. A fermentação determinada por esses novos germes produziu, por fim, compostos funestos à felicidade e à inocência.⁷

A liberdade natural já não existe mais. Os males sociais vão contaminando a cada dia o coração do homem. À medida que aumenta o progresso, aumentam também as desigualdades. Quando menos se percebe o homem evoluiu consideravelmente, mas essa evolução é negativa. Para Rousseau, todos os progressos formaram a decrepitude da espécie humana. Melhor seria se o homem tivesse continuado com a inocência do estado de natureza vivendo de forma independente. Contudo, desde o instante em que o homem se tornou dependente as desigualdades se consolidaram. Assim, a igualdade natural desapareceu totalmente e o homem passou a sofrer com as consequências da sua própria criação.

(...) desde o instante em que um homem sentiu necessidade do socorro do outro, desde que se percebeu ser útil a um só contar com provisões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos aprazíveis que se impôs regar com o suor dos homens e nos quis logo se viu escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas.⁸

À medida que o tempo passou, o homem foi se aperfeiçoando tanto no modo de viver quanto nas suas atividades do dia a dia. A comunicação, através da linguagem, fica mais perfeita, e a convivência entre vizinhos aumenta as relações e, conseqüentemente, os males.

Segundo o genebrino foi com o surgimento do trigo e do ferro que cresceu ainda mais a dependência. Enquanto alguns homens precisavam do trigo, outros precisavam do ferro, assim, a relação de dependência se solidificou de forma necessária. Com o crescimento da dependência, avançaram as desigualdades.

⁷ Rousseau, J. J. Op., Cit. p. 265.

⁸ Ibidem, p. 265.

Um fator que merece destaque diante do amadurecimento do progresso é o surgimento da metalurgia e da agricultura. Estes dois inventos causam grandes revoluções na dinâmica do trabalho. Os instrumentos artesanais foram gradativamente substituídos pelos de ferro. O progresso aqui já é um fato. O grau de dependência chega ao seu ponto mais elevado, pois na dinâmica do trabalho aqueles que precisam do ferro dependem dos que precisam de mão de obra. Há uma troca de trabalho por alimento, e o ferro passou a ser um instrumento importante na produção dos gêneros alimentícios. São essas relações que vão prendendo o homem ao próprio homem. A tranquilidade presente nas atividades simples vai dando espaço à complexidade dos instrumentos modernos, e o trabalho ganha um novo rosto com o surgimento da metalurgia.

A invenção das outras artes foi, pois, necessária para forçar o gênero humano a dedicar-se a arte agrícola. Desde que se tornaram necessários homens para fundir e forjar o ferro precisou-se de outros para alimentar a este. Na medida em que se multiplicou o número de trabalhadores, menos mãos houve para atender a subsistência comum, sem que com isso houvesse menos bocas para consumi-la, e, como uns precisaram de comestíveis em troca do ferro, outros por fim encontraram o segredo de empregar o ferro na multiplicação dos comestíveis.⁹

Com a metalurgia e a agricultura, as atividades servisais ficam cada vez mais modernas. Os instrumentos de trabalho não são mais os mesmos, as atividades humanas perdem a sua naturalidade. A partir de agora, toda criação é expressão de progresso, porém, o este afasta, a todo o momento, o homem da sua “juventude” e dita um novo ritmo de vida. Quanto mais moderno o homem fica, maior é o grau de prisão e sofrimento. Isso porque os sentimentos de maldade só tendem a aumentar com as relações sociais. Percebe-se, então, que a evolução cultural foi o fator determinante para o processo da corrupção humana.

II A PROPRIEDADE PRIVADA E A CONSOLIDAÇÃO DAS DESIGUALDADES

Qual foi, então, o momento que melhor caracterizou o rompimento total do homem com a natureza? Sabe-se que o processo de “desnaturalização” aconteceu paulatinamente no percurso da humanidade com a evolução humana, mas houve um acontecimento que Rousseau considera como o ponto mais alto do progresso. É justamente o nascimento da propriedade privada. É com ela que o homem rompe totalmente com o estado de natureza e funda a sociedade civil. Agora a terra, que antes

⁹ Rousseau, J. J. Op. Cit., p. 266.

era de todos, passa a ter um único dono. Os objetos passam a ter um preço. O ser é substituído pelo ter. A tranquilidade da vida simples é substituída pela ganância e a competitividade da vida civil. A liberdade natural desaparece totalmente. Para Rousseau, tão bom seria se este desastre não tivesse acontecido. As pessoas não deveriam ter acreditado naquele que cercou o primeiro terreno e o denominou como propriedade.

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém.”¹⁰

A propriedade privada é sinônimo de desigualdade social. A partir dela, as desigualdades se consolidam e ganham formas. Da sua estrutura, nascem três tipos de desigualdades diferentes: entre rico e pobre, poderoso e fraco, senhor e escravo. A relação entre ricos e pobres caracteriza o primeiro progresso de desigualdade; o surgimento dos magistrados, que é a relação entre poderosos e fracos, é o segundo; o despotismo, que é a relação entre senhor e escravo, é o terceiro e o mais alto grau de desigualdade.

Com a propriedade privada, iniciam-se as desigualdades entre ricos e pobres. Aqui o homem começa ser escravo de si mesmo e dos objetos. A ânsia de ter sempre mais torna os homens mais gananciosos. Uns cultivam melhor do que os outros e por isso ficam mais ricos. Logo, os ricos exploram os pobres, e estes se submetem, por necessidade, aos ricos. Assim se forma o cenário de escravidão.

Por outro lado, o homem, de livre e independente que antes era, devido a uma multidão de novas necessidades passou a estar sujeito, por assim dizer, a toda natureza e, sobretudo, a seus semelhantes dos quais num certo sentido se torna escravo, mesmo quando se torna senhor: rico tem necessidade de seus serviços; pobre, precisa de seu socorro, e a mediocridade não o coloca em situação de viver sem eles.¹¹

Logo no primeiro progresso de desigualdade percebe-se a consciência corrompida do homem. Pode-se dizer que, neste momento, solidifica-se a exploração propriamente dita do homem pelo homem. Os ricos compram a força do trabalho dos pobres para ficarem cada vez mais ricos e, os pobres saqueiam a riqueza dos ricos em benefício próprio. A ambição devora a humanidade. O sentimento de ter leva o homem a uma guerra constante com o seu semelhante. O desejo de lucrar sempre mais faz da vida uma eterna competição. Nesta relação entre ricos e pobres, a igualdade desaparece

¹⁰ Rousseau, J. J. Op. Cit., p. 259.

¹¹ Rousseau, J. J. Op. Cit., p. 267.

totalmente, as pessoas ficam a mercê uma das outras e são quase obrigadas a se venderem para sobreviver. A riqueza é um mal que gera inúmeros outros.

À medida que o progresso e a riqueza aumentam no mundo, também crescem a ambição, a inveja, o orgulho, a vaidade etc. Estes males sociais têm o poder de transformar a todo instante o coração das pessoas. Com essa situação, a dinâmica da vida torna-se um verdadeiro estado de guerra. Sobre isso ressalta Rousseau no seu segundo *Discurso*:

Por fim, ambição devoradora, o ardor de elevar sua fortuna relativa, menos por verdadeira necessidade do que para colocar-se acima dos outros, inspira a todos os homens uma negra tendência de prejudicarem-se mutuamente, uma inveja secreta tanto mais perigosa quanto, para dar seu golpe com maior segurança, frequentemente usa a máscara da bondade; em uma palavra, há, de um lado, concorrência e rivalidade, de outro, oposição de interesse e, de ambos, o desejo oculto de alcançar lucro a expensas de outrem.¹²

Quantos males surgiram com a evolução! E quantos males evoluíram com o nascimento da propriedade privada! Quanta ambição, ganância, competitividade, inveja, egoísmo! Este é o cenário do homem no estado civil, onde o *amor de si* é substituído pelo *amor-próprio*. Diante de tal complexidade no modo de viver, surgem novas necessidades. Uma delas é a segurança dos bens materiais, a outra é a justificação da riqueza e do poder. Para aquela cria-se o direito civil, e para esta fundam-se as leis e os magistrados.

Mas será que isso resolve o problema de todo quadro de desigualdade? De acordo com Rousseau este seria o objetivo da sociedade civil e das leis. Mas o nascimento delas só justificou as desigualdades.

Tal foi ou deveu ser a origem da sociedade e das leis, que deram novos entraves ao fraco e novas forças ao rico, destruíram irremediavelmente a liberdade natural, fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, fizeram de uma usurpação sagaz, um direito irrevogável e, para lucro de alguns ambiciosos, daí por diante sujeitaram todo gênero humano ao trabalho, à servidão e à miséria.¹³

Como seria importante se o homem fosse capaz de corrigir o seu estado deplorável! É possível pensar em uma organização política regida por leis que tenham o poder de mudar o quadro das desigualdades pintado pelo progresso? Qual seria a missão do Estado? Qual o valor das leis civis?

Segundo as ideias de Rousseau na segunda parte do *Discurso sobre a desigualdade*, o Estado, as leis e os magistrados, os governos e os governantes, foram criados especialmente para justificar e assegurar a riqueza e, conseqüentemente,

¹² Ibidem, p. 267.

¹³ Rousseau, J. J. Op., Cit. p. 269-270.

proteger os ricos e poderosos. É perceptível, neste sentido, que o Estado nasceu a partir de um cenário de desigualdade e com a finalidade de justificar a riqueza e o poder.

Para tentar corrigir a situação de corrupção é criado o Estado, contudo, ao invés de beneficiar os menos favorecidos, ele serve para proteger os ricos. Com ele, nasce o segundo progresso de desigualdade: a dos poderosos e dos fracos. Logo aparecem as leis e os magistrados. Nesse aspecto, a sociedade precisa de uma organização através de poderes, isto é, de governos, mas a existência de governos e de leis só fortalece mais ainda os poderosos e, conseqüentemente, contribui para o aumento das desigualdades.

(...) para fazer com que aceitassem seu objetivo, “unamo-nos” disse-lhes, “para defender os fracos da opressão, conter os ambiciosos e assegurar a cada um a posse daquilo que lhe pertence; instituímos regulamentos de justiça e de paz, aos quais todos sejam a conformar-se, que não abram exceção para ninguém e que, submetendo igualmente a deveres mútuos o poderoso e o fraco, reparem de certo modo os caprichos da fortuna.”¹⁴

A dinâmica de formação dos diferentes tipos de governos se dá, por exemplo, da seguinte maneira: o lucro de um só dá origem à monarquia; o lucro de alguns à aristocracia; e, o lucro de um grupo maior à democracia, entretanto, todas as formas de governo não serviram para diminuir a corrupção humana, elas contribuíram, inclusive, para aumentar as desigualdades, principalmente quando há abuso de poder. Os ricos e poderosos são protegidos pela lei e ficam mais fortes e assim se solidifica o segundo progresso de desigualdade.

Depois de um quadro sólido de desigualdades no qual o rico explora o pobre, o pobre rouba o rico, o poderoso humilha o fraco, o fraco tenta guerrear com o forte, será que ainda pode piorar a situação? Para Rousseau, a resposta é sim, pois o segundo grau de desigualdade dá origem ao terceiro que é o mais cruel de todos.

O abuso dos poderosos faz surgir o poder arbitrário. Assim nasce o despotismo que é o terceiro grau de desigualdade. O despotismo se caracteriza, principalmente, pela mudança do poder legítimo para o poder arbitrário. Aqui se efetiva a forma de desigualdade entre senhor e escravo. O homem rico, poderoso, e protegido pelo Estado passa a usar o poder abusivo para explorar e humilhar diretamente o seu semelhante em proveito próprio. Esse quadro de desigualdades é um verdadeiro estado de guerra.

O despotismo é considerado o grau mais alto da corrupção humana. Aqui reina a dominação. Neste último grau de desigualdade o homem passa a usar o seu poder para dominar, humilhar, desconsiderar, explorar e até matar o seu semelhante visando o seu

¹⁴ Ibidem, p. 269.

bem pessoal. Esse é o momento de maior expressão da maldade humana construída pela evolução e pelo progresso. Sobre o último grau de desigualdade, Rousseau ressalta, inclusive, que o homem se reduz a um nada e isso talvez seja a única forma de igualdade neste estado.

É este o último grau de desigualdade, o ponto extremo que fecha o círculo e toca o ponto de que partimos; então, todos os particulares se tornam iguais, porque nada são, e os súditos, não tendo outra lei além da vontade do senhor, nem o senhor outra regra além de suas paixões, as noções do bem e os princípios de justiça desfalecem novamente; então tudo se governa unicamente pela lei do mais forte e, conseqüentemente, segundo um novo estado de natureza, diverso daquele pelo qual começamos, por ser este um estado de natureza em sua pureza, e o outro, fruto de um excesso de corrupção.¹⁵

Há uma sequência lógica no pensamento de Rousseau nesse ponto de consolidação das desigualdades. Com outros termos, existe uma tríade das desigualdades. O autor mostra, sequencialmente, os três níveis de desigualdades advindas da evolução, do progresso e principalmente do nascimento da propriedade privada. Por um lado, o rico torna-se poderoso e nessa condição torna-se senhor, por outro, o pobre torna-se fraco e como tal torna-se escravo.

Diante desse quadro de desigualdades, o homem cria mecanismos para sobreviver, não sendo mais transparente e verdadeiro como era no estado de natureza, ele passa a viver na aparência e na mentira. Aqui nasce a dicotomia entre o ser e o parecer. Ele não se mostra como realmente é, mas como o que os outros querem que ele seja. Tudo é uma grande farsa.

CONCLUSÃO

Conclui-se, com esta leitura, que as causas do surgimento, da evolução e da solidificação das desigualdades foram muitas. Dentre elas, merecem destaque: a capacidade que o homem teve de evoluir com o dom da perfectibilidade, as dificuldades naturais encontrados na dinâmica de sobrevivência, a evolução do pensamento, a perda da ingenuidade ao se perceber no outro, o crescimento das paixões, o progresso, a propriedade privada e o nascimento da sociedade civil.

Diante desse estado deplorável, qual o caminho que o homem deve seguir para superar isso? No segundo *Discurso* Rousseau vai dizer que é da perfectibilidade que nasce toda a inteligência humana, porém com ela nascem também todos os seus erros;

¹⁵ Rousseau, J. J. Op. Cit., p. 280.

brotam as suas virtudes e também os seus vícios, contudo Mas não podemos renunciá-la, pois se assim o fizéssemos, estaríamos renunciando a nós mesmos.

Desse modo, se antes o homem levava uma vida parecida com a dos outros animais, agora ele pode mostrar a sua característica singular que o diferencia desses. Será a racionalidade, que o fez evoluir e degenerar, também a sua “salvação”? De “um animal estúpido e limitado” poderá evoluir a um “ser inteligente e um homem”?¹⁶ Como isso pode acontecer? Com a leitura do *Contrato Social*, é possível perceber que há uma saída sim. Agora não mais como na vida natural, mas com consciência ética, responsabilidade moral e participação política. Com outras palavras, o homem não pode mais voltar ao estado de natureza e usufruir da liberdade natural, mas com a liberdade política ele pode ser tão livre quanto antes.

¹⁶ Rousseau, J. J. *Do Contrato social*, p. 36.

BIBLIOGRAFIA

CASSIRER, Ernest. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. São Paulo: UNESP, 1999.

DERATHÉ, Robert. *Rousseau e a ciência política de seu tempo*. São Paulo: Barcarolla, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato social*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.